

EM: CASTRO, L.R. de, BESSET, V.L. (ORÇES) (2008),
PESQUISA - INTERVENÇÃO NA INFÂNCIA E
JUVENTUDE. RJ: NAU/FAPERJ.

"A palestra é sobre o quê?"
Falando para/com jovens sobre relacionamentos amorosos

Jacqueline Cavalcanti Chaves

Introdução

Este capítulo trata de um trabalho desenvolvido a partir do Programa SBPC Vai à Escola, o qual foi criado e realizado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – seção Regional do Rio de Janeiro. Através da promoção de diversas palestras em escolas, o programa pretendeu estimular e fomentar a interação entre professores e pesquisadores de instituições de ensino superior do Estado do Rio de Janeiro e alunos do ensino básico deste Estado. Do convité para participar deste programa, surgiu o projeto de pesquisa-intervenção analisado neste artigo e cujos objetivos foram: (1) por meio da palestra, divulgar conhecimentos sobre os relacionamentos amorosos de jovens na contemporaneidade, (2) provocar uma reflexão sobre este assunto, e (3) investigar os conceitos, os sentimentos, as experiências e as dúvidas de estudantes e professores do Ensino Médio sobre o referido tema.

O projeto de pesquisa-intervenção representou um duplo desafio: primeiro, dar palestras de forma acessível, interessante, instigante e reflexível para professores e, principalmente, para estudantes do nível Médio, das redes de ensino pública e privada do Estado do Rio de Janeiro; segundo, falar e desencadear um debate sobre os relacionamentos amorosos da contemporaneidade. O primeiro aspecto é visto como um desafio posto que pouco frequentemente professores universitários e pesquisadores atravessam os muros da Universidade para levar à comunidade "leiga", e discutir com ela, o seu saber. A apresentação e a discussão sobre os conhecimentos produzidos nas instituições de ensino superior e nos centros de pesquisa são mais facilmente realizadas entre os pares, através de meios (revistas científicas, congressos, seminários etc) constituídos para este fim. Assim sendo, o trabalho de falar para um público "estranho" exige flexibilidade para, por exemplo, adequar a linguagem utilizada; sensibilidade para, dentre outros aspectos, selecionar, avaliar e adaptar – se necessário, no momento da comunicação –, o material a ser apresentado, tendo em vista as possibilidades

de compreensão dos participantes do encontro; e abertura e humildade para escutar e valorizar as falas do público, e para refletir sobre e, algumas vezes, modificar as expectativas que se têm diante de tal empreitada.

O segundo aspecto é percebido também como um desafio, já que muitas vezes homens e mulheres não se interessam em discutir a questão amorosa seja porque não querem ou não podem pensar sobre o assunto seja porque vêem o amor, a relação amorosa, como um aspecto da vida que deve ser vivenciado, experimentado, e não pensado e debatido. Comumente, para vários desses, o amor é entendido como um sentimento natural, inerente ao ser humano, que pode ser vivido e manifesto de diferentes maneiras. Ele é compreendido como o mesmo, como algo dado, com o qual o indivíduo nasce e é capaz ou não de vivenciá-lo, expressá-lo e compartilhá-lo. Para aqueles que pensam assim, o significado do amor é o mesmo para todos; todos têm as mesmas expectativas diante dele e consideram satisfatória uma mesma prática amorosa. Contrariamente a esta compreensão, entendo que o amor tem significados e formas diferentes que são próprias a determinadas épocas, culturas e grupos sociais. A maneira como o indivíduo sente, expressa e vivencia o sentimento amor está relacionada a um conjunto de idéias, fantasias, imagens e discursos ao qual ele tem acesso, no qual ele é inserido por intermédio da sua família, dos meios de comunicação e do(s) grupo(s) social(is) ao(aos) qual(uais) ele pertence. Assim sendo, por meio do questionamento, da reflexão, da palavra e das atitudes cotidianas, o indivíduo pode buscar construir relações que sejam mais satisfatórias para ele e seu parceiro.

Por entender que o amor não é unívoco, que a noção de amor é datada, que as práticas amorosas expressam uma determinada noção de amor ou o desvio desta e a construção de uma outra, logo, que o campo amoroso é dinâmico, que práticas e conhecimentos se interferem mutuamente, penso que é possível e necessário discutir sobre as configurações e as re-configurações amorosas da atualidade. Essa discussão pode criar condições para que homens e mulheres reflitam sobre os seus conceitos, as suas práticas e os seus sentimentos. E com isso venham a conquistar uma liberdade crucial que implica um movimento de resistência do indivíduo à repetição pura e simples do já instituído; uma consciência de si, um exercício de domínio sobre os próprios desejos e prazeres que, enfim, possibilita a ele ser autor do próprio destino e gerir a própria vida. Por acreditar nessa possibilidade, por considerar importante e profícua a divulgação e a discussão com públicos diversos sobre os saberes produzidos na academia, e por ver na chamada da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – seção Regional do Rio de Janeiro, para participar como palestrante do

programa *SBPC Vai à Escola*, um instigante campo de pesquisa é que foi aceito tal convite e enfrentados os mencionados desafios.

O programa *SBPC Vai à Escola*

Patrocinado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), o programa *SBPC Vai à Escola* ocorreu ao longo do ano de 2006, tendo sido suspenso em setembro daquele ano. Embrionariamente chamado de *A Ciência Vai à Escola*, o programa tem como preocupações e interesses a melhoria da qualidade do ensino brasileiro; a divulgação dos conhecimentos produzidos nas universidades e nos centros de pesquisa e as suas inclusões nos programas de ensino básico; e o intercâmbio entre professores e pesquisadores de instituições de ensino superior e alunos do Ensino Médio do Estado do Rio de Janeiro (Lopes, s/d). De acordo com as informações do *site* desse programa, através dele “professores e diretores de escolas públicas ou privadas, urbanas ou rurais, de ensino médio, de qualquer município do Estado do Rio de Janeiro, podem solicitar, sem nenhum custo financeiro, a apresentação, em sua escola, de qualquer uma das palestras relacionadas neste *site*” (<http://www.sbpcrj.org.br>). As palestras listadas no *site* estão separadas em áreas do conhecimento tais como Astronomia, Astronáutica e Astrofísica; História, Geografia, Arqueologia e Paleontologia; e Sociologia, Filosofia, Psicologia, Pedagogia, Educação e Sociedade. No último acesso ao *site* (01/07/07), nesse último grupo de áreas, havia 37 palestras inscritas. Cada uma das palestras tem junto ao título um resumo, além do nome do palestrante, a sua formação e titulação acadêmica. As escolas tinham a liberdade de escolher quais e quantas palestras quisessem. Deste modo, muitas delas pediram várias palestras e, em alguns casos, demandaram a mesma palestra mais de uma vez, a qual viria a ser dada para diferentes turmas de alunos.

Apesar da boa repercussão do programa *SBPC Vai à Escola*, de acordo com informações da sua coordenação, ele foi suspenso devido ao término da verba disponível. Segundo estas informações, Isso aconteceu antes do fim do cronograma por causa do número de escolas requisitantes e de palestras solicitadas que foi maior do que o previsto inicialmente. Este fato pode ser considerado um dos indicadores do sucesso deste programa, assim como da carência de propostas como essa, e do interesse das escolas por novos conhecimentos e atividades pedagógicas para os seus corpos docente e discente. No que diz respeito especificamente à palestra inscrita no programa que deu

origem a este artigo, o seu título é “*Ficar com*”, *ficar “ficando” e namorar*. Foram recebidas 53 solicitações para esta palestra, das quais dezenove puderam ser atendidas (12 de escolas públicas e 7 de escolas privadas), atingindo um público total de 1.091 alunos e 18 profissionais (professores, diretores ou coordenadores pedagógicos).

A referida palestra foi pensada e construída a partir dos trabalhos desenvolvidos em meus cursos de Mestrado e Doutorado (Chaves, 2001 e 2004). O objetivo dela é apresentar, aos alunos de Ensino Médio e aos professores interessados, os resultados de duas pesquisas sobre os relacionamentos amorosos juvenis da atualidade. Estas pesquisas tiveram como suporte o estudo de diversos trabalhos da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia e da História relacionados ao tema, e a análise de entrevistas realizadas com jovens. A partir destas pesquisas, pode-se dizer que “ficar com” e ficar “ficando” (ficar “ficando” é “ficar” várias vezes com uma mesma pessoa) são práticas afetivo-sexuais características dos jovens contemporâneos. Junto ao namoro, estas formas de relacionamento podem ser vividas como diferentes etapas de uma relação amorosa, ou seja, primeiro os jovens “ficam”, depois vão “ficando” (ficar “ficando”) e, por fim, namoram. Embora estas formas possam ser experimentadas como diferentes etapas do relacionamento, os jovens não se sentem obrigados a seguir essa seqüência. Isso quer dizer que dois jovens podem “ficar” durante uma noite e depois não se encontrarem novamente. Esta relação momentânea é possibilitada pelos princípios do “ficar com”, dentre os quais o do não-compromisso com o outro e o da busca do prazer próprio. A decisão de “ficar com” alguém pode depender do interesse do jovem em encontrar um namorado ou da insistência dos amigos ou do nível de carência. As passagens do “ficar com” para o ficar “ficando” e desse para o namoro são decididas e reguladas pelos próprios indivíduos. Cada uma dessas formas relacionais expressa diferentes níveis de compromisso com o outro, bem como de interesse, de disponibilidade e de satisfação. Em grande parte das vezes, a satisfação obtida em uma “ficada” é mais física, superficial, enquanto no namoro há também uma satisfação sentimental provocada pelo envolvimento amoroso que aí é visto como importante. Na atualidade, a valorização dos interesses, da satisfação e da liberdade individual – nesse caso, entendida como viver como bem quiser e ser livre para transitar e ter opções e ser livre para escolher –, contribui para que haja uma flexibilização e uma individualização das regras que regulamentam o relacionamento amoroso. Apesar desta mudança ser provocada, em parte, pelos próprios jovens, ela cria um ambiente instável, pouco ou nada previsível, o qual faz com que muitos deles se sintam inseguros. Para alguns, esta insegurança

torna mais difícil confiar no outro, sentir a segurança íntima de que este outro se preocupa com eles e lhes dará apoio quando necessário.

A metodologia de pesquisa e os seus limites

Conforme explicitado anteriormente, os objetivos do trabalho aqui analisado eram dar uma palestra sobre os relacionamentos amorosos de jovens na contemporaneidade, provocar uma reflexão acerca deste assunto e investigar os conhecimentos, os sentimentos, as experiências e as dúvidas de estudantes e professores do Ensino Médio sobre o referido tema. Para tal fim, o formato da palestra foi delimitado da seguinte maneira: duração – aproximadamente de 30 a 45 minutos de apresentação e de 20 a 40 minutos de debate; número de participantes – 30 a 40. Desde os contatos iniciais com a escola até a realização da palestra, os discursos de professores, diretores, coordenadores pedagógicos e alunos foram registrados em relatórios específicos para cada uma das escolas. Posteriormente, foi efetuada a análise de conteúdo desses relatórios buscando responder a duas questões que se relacionam aos desafios expostos inicialmente e aos objetivos do presente artigo, quais sejam, (1) os limites dessa modalidade de pesquisa-intervenção e (2) a produção dos participantes sobre os relacionamentos amorosos durante o debate.

Na realização da palestra, ao término da apresentação, chamando atenção para a importância desse momento de troca, os participantes eram convidados a fazer comentários e perguntas sobre os trabalhos relatados e questões específicas acerca dos relacionamentos amorosos, a falar das suas experiências, idéias, dúvidas e sentimentos. Com relação ao número de participantes, inicialmente acreditava-se que aquele seria um número razoável para atender, ao mesmo tempo, ao programa SBPC Vai à Escola e à escola, e para criar um ambiente propício para uma discussão / conversa sobre as relações íntimas. Apesar desse delineamento, diversas vezes o solicitante havia previsto a palestra para um número de pessoas muito maior: 80, 100, 120 estudantes. Na medida do possível, procurou-se limitar esse número e chegar a um quorum que satisfizesse a todas as partes, já que um dos objetivos da palestra era estimular o debate e com ele provocar uma reflexão que pudesse vir a deslanchar condições para que os participantes pensassem criticamente sobre as suas relações amorosas. Pensava-se que isso poderia ser dificultado caso a quantidade de pessoas fosse muito grande, o que talvez gerasse entre os participantes dispersão e constrangimento para falarem de suas intimidades.

Ainda que o número de participantes tenha variado de 25 a 90, a quantidade de pessoas não foi determinante na maneira como a palestra transcorreu. Ao analisar *a posteriori* o trabalho, percebeu-se que a promoção de um debate com muitas pessoas, por um lado, pode vir a restringir as oportunidades de todos os participantes se expressarem e as chances de aprofundamento sobre um tema específico. Por outro, como aconteceu nesse trabalho, ela dá margem ao surgimento de uma maior diversidade e/ou número de idéias expondo os participantes a uma gama mais ampla de conhecimentos, percepções e experiências relacionadas ao tema, além de permitir que um número maior de pessoas seja afetado pela proposta de trabalho.

Não obstante a previsão inicial para a duração da palestra (mínimo 50 minutos, máximo uma hora e 25 minutos), o tempo total dela variou de 45 minutos à uma hora e 45 minutos, sendo que na maioria das escolas (quatorze) a palestra durou uma hora (em três escolas) ou mais (em onze escolas). A duração e o horário definido para a palestra tiveram conseqüências sobre a sua dinâmica em muitas escolas, o que, por sua vez, em alguns casos parece ter comprometido os efeitos esperados por essa intervenção. Algumas vezes a palestra foi feita em uma hora na qual os alunos estavam mais cansados ou mais inquietos ou mais preocupados com o final do turno e a saída da escola. Durante a palestra, isso contribuiu para que a atenção e o interesse de alguns fossem menores ou mais inconstantes e o debate ficasse esvaziado.

Ao longo da execução do trabalho, uma série de modificações nos públicos-alvo e formato previstos da palestra, e até mesmo no seu conteúdo, precisou ser feita. Modificações resultantes das necessidades e das realidades que, grande parte das vezes, se mostraram diversas, mais complexas do que o esperado. Se por um lado efetuar essas transformações nem sempre foi fácil por ter exigido sensibilidade e humildade para fazer uma rápida leitura do contexto educacional, docente e discente, local, e flexibilidade para mudar o necessário, por outro lado, elas produziram dados importantes para a avaliação da proposta de trabalho. Paralelamente às ponderações já feitas, outras variáveis precisam ser discutidas a fim de se pensar sobre os limites dessa pesquisa-intervenção. As variáveis mais importantes que se mostraram fundamentais para o impacto e a repercussão da intervenção foram a demanda e o comprometimento da escola com o trabalho proposto. Elas puderam ser analisadas a partir dos seguintes aspectos: a demanda manifesta e a implícita, as quais nem sempre coincidiram, do solicitante, o qual é aqui visto como representante dos interesses da escola; as atitudes e os discursos dos professores, do diretor, do coordenador pedagógico e do solicitante quando este era diferente daqueles; o conhecimento dos alunos

sobre a realização da palestra e o seu tema; a preparação (organização) prévia da escola ao evento e durante a sua execução; o interesse manifesto e implícito no tema dos relacionamentos amorosos.

A solicitação da palestra foi feita na grande maioria das vezes pelo/a coordenador/a pedagógico/a ou orientador/a educacional. Em menor número a solicitação veio do/a diretor/a ou professor/a. No contato inicial com as escolas, todos os solicitantes mostraram já ter definido previamente o público-alvo. Várias dentre elas haviam pensado em oferecer a palestra para todas as turmas de uma determinada série ou para as turmas de diferentes anos escolares. Ao saberem da restrição do número de participantes, algumas simplesmente excluíram uma(s) turma(s), outras foram mais cuidadosas e se propuseram a fazer inscrições prévias ou selecionar os alunos realmente interessados no tema ou escolher os "alunos que estão precisando ouvir isto" (o tema dos relacionamentos amorosos). No trabalho da escola para formar o grupo participante, foi possível vislumbrar um aspecto da sua demanda com relação a esta palestra. Percebeu-se que para alguns solicitantes a palestra era vista como mais uma atividade ou uma atividade diferente para os alunos. Por exemplo, no primeiro contato com uma solicitante, ela falou da necessidade de os alunos do 3º ano do Ensino Médio assistirem a palestras para cumprir uma determinada carga horária para a sua formação (formação de professor). Uma outra solicitante, no dia da palestra, ao entrar no auditório comigo e me apresentar aos alunos, disse a eles que eu ia "fazer uma palestra interessante", que esta era "uma atividade diferente para vocês", que assim "além das aulas vocês têm um outro tipo de atividade". Alguns solicitantes mencionaram o fato de terem pedido diversas palestras ao programa SBPC Vai à Escola, o que pareceu expressar uma preocupação maior com o oferecimento de algo novo para os seus alunos do que com a aprendizagem e a discussão específicas sobre determinados temas.

Se para algumas escolas a palestra teve como principal função o oferecimento ao corpo discente de uma atividade pedagógica "diferente", o que pode ser compreensível, sobretudo no caso de escolas carentes de recursos pedagógicos diversos, para outras ela foi escolhida na tentativa de resolver ou minimizar problemas com os quais a escola não sabe ou não consegue lidar. Alguns solicitantes, ao falarem do interesse na palestra, mencionaram questões dos alunos percebidas por eles como problemáticas, tais como: o "ficar", o relacionamento sem compromisso; a preocupação maior com os relacionamentos do que com a vida do colégio, a educação, os estudos; o interesse na sexualidade; a gravidez precoce; o homossexualismo; o uso pelos jovens do remédio Viagra.

É possível pensar que alguns desses solicitantes tinham a expectativa de que eu proporcionasse aos alunos as respostas que eles não podiam oferecer. Outros talvez não esperassem respostas aos ditos problemas, mas sim uma apresentação de conhecimentos que ajudassem a eles e aos alunos a refletirem sobre suas experiências, idéias, sentimentos e expectativas afetivo-sexuais.

Esse último tipo de demanda é condizente com a preocupação de alguns deles em darem continuidade à discussão sobre o tema, o que, por sua vez, expressa o grau de comprometimento com o trabalho realizado através do programa SBPC Vai à Escola e, de forma mais ampla, com a eficácia das atividades desenvolvidas na escola e com a formação do seu alunado. Entre as dezenove escolas atendidas, cinco solicitantes disseram pretender continuar a abordagem do tema dos relacionamentos amorosos nas aulas de Biologia ou de Filosofia e Sociologia. Este número é pequeno e aponta para uma forte limitação deste tipo de intervenção pontual, qual seja, o risco que há de os conhecimentos, as idéias e os sentimentos despertados no desenvolvimento da palestra e do debate se perderem em meio às demais atividades e conteúdos escolares. Este risco pode ser minimizado se a escola ou até mesmo um único professor se comprometer a levar adiante, ampliar e aprofundar a discussão e as possibilidades de trabalho deslançadas por esta proposta de intervenção. Isso significa que não basta à escola requisitar a um especialista uma palestra sobre o assunto. É preciso também que ela assuma parte da responsabilidade e do esforço necessários para construir e reconstruir conceitos, para provocar um questionamento sobre as práticas, os sentimentos e as expectativas do público-alvo, e para forjar alguma mudança.

Ainda que somente cinco escolas tenham de alguma forma manifestado o interesse em dar continuidade ao trabalho, o comprometimento com ele foi avaliado também a partir de outros elementos. As diferenças entre as escolas se deram pelo fato de: o solicitante estar na escola no dia/horário da palestra; os funcionários terem conhecimento do evento programado; as formas de divulgação da palestra entre os alunos; os alunos saberem previamente da realização de uma palestra; os alunos saberem previamente do assunto da palestra; o solicitante ou responsável pelo evento entrar comigo no local da palestra; o solicitante ou responsável me apresentar à turma; o solicitante e/ou responsável assistir à palestra; outros professores assistirem à palestra; o solicitante, o responsável e/ou o professor ter autoridade e respeito na turma; a atenção e o acolhimento dispensados a mim; o interesse demonstrado pelo tema dos relacionamentos amorosos; e a exposição para mim da escola e de algumas atividades realizadas por ela. Quanto mais a escola se responsabilizou e

se comprometeu com estes diversos aspectos mais positivo foi o desenvolvimento do trabalho.

Esse foi o elemento central na execução e nas repercussões da intervenção. O modo como a escola se envolveu na realização da palestra fez a diferença na qualidade do trabalho. Isto é, quanto mais a escola participou ativamente da proposta mais os alunos responderam de maneira positiva seja no modo como assistiram à palestra seja na forma como participaram do debate. O nível de engajamento da escola com a proposta fez mais diferença do que as variáveis de público-alvo (número e perfil dos estudantes), de localização da escola, de duração da palestra e de tipo de escola (pública ou privada, urbana ou rural). A partir deste trabalho pode-se afirmar que os projetos que se pretende pôr em prática em escolas devem buscar enfaticamente a parceria da direção, dos profissionais da instituição. No entanto, essa parceria, para ter resultados positivos na realização do projeto, deve se caracterizar pela ação, por uma posição ativa da escola. Para além da permissão ou do convite para executar um trabalho em suas dependências, com o seu público, a escola precisa colaborar na construção de condições para que ele possa ser bem desenvolvido e venha a ter desdobramentos que não mais dependam da presença dos autores da proposta do referido trabalho. Somente assim a escola, os corpos docente, discente e técnico, poderá assimilar e se apropriar do conhecimento, das idéias e das experiências que lhe são oferecidas. Somente assim o público-alvo poderá sair da posição passiva, de quem assiste ao trabalho do outro, e participar ativamente da produção de algo que é de todos. Foi isso o que grande parte dos alunos presentes à palestra "*Ficar com*", *ficar "ficando"* e *namorar* fizeram ao participarem do debate. Propiciaram uma reflexão coletiva sobre os relacionamentos amorosos e um conjunto de dados que me permitiu dar prosseguimento aos meus estudos sobre este tema.

A produção dos participantes da palestra

Conforme mencionado anteriormente, o debate com um grande número de participantes pode, por um lado, dificultar o aprofundamento de um tema específico e, por outro, como ocorreu neste trabalho, facilitar o surgimento de uma variada gama de conhecimentos, sentimentos, percepções e experiências. Levando em consideração que, no que diz respeito às diferenças de idade, escolaridade, nível socioeconômico, tipo e localização da escola, a diversidade dos grupos participantes não teve impacto importante sobre a forma como

esta pesquisa-intervenção se desenvolveu nem sobre a produção dos alunos, o material será analisado em seu conjunto enfatizando, todavia, a questão de gênero que aqui se mostrou relevante. Apesar desta pesquisa se propor a investigar os conhecimentos, os sentimentos, as experiências e as dúvidas de estudantes e professores do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas, os dados da pesquisa se referem fundamentalmente aos alunos, já que, no total, somente dezoito profissionais participaram das palestras. Os discursos dos participantes foram divididos em três eixos que, embora não esgotem o material coletado, caracterizam os temas principais abordadas por eles: (1) as práticas afetivo-sexuais; (2) a (des)confiança e a (in)fideliidade; e (3) o preconceito e as questões de gênero. Embora os eixos se entrecruzem, eles foram separados a fim de organizar a análise dos dados da pesquisa, a qual deixa margem para outras leituras que não puderam ser efetuadas em função dos limites deste trabalho. Tendo feito essa ressalva, a discussão aqui realizada sobre a produção dos participantes pretende contribuir com os estudos referentes aos relacionamentos amorosos, às práticas afetivo-sexuais de jovens na atualidade e às questões de gênero que têm sido levados a cabo por diversos pesquisadores.

Antes da discussão sobre os eixos propriamente ditos, cabe assinalar uma questão marcante ao longo da realização do trabalho. Trata-se das diversas e inúmeras dúvidas e alguns comentários dos participantes. São perguntas específicas do tipo:

"O que é metrosssexual?"; "Se a pessoa que 'fica' muitas vezes depois continua se sentindo vazia, então por que ela 'fica'?"; "No 'ficar' em série ('ficar' em série é 'ficar com' várias pessoas seguidamente, em uma mesma noite) o 'ficar' é só beijo ou tem sexo também? Tem diferença se só beija ou se transa também?"; "O que é melhor: namorar ou 'ficar'?"; "Beijar muito na boca tem perigo de pegar sapinho?"; "Os alunos ficam muito interessados na aula que eu dou sobre a química da paixão" (comentário do professor de Biologia feito para mim); "Que mudanças biológicas, orgânicas, os adolescentes estão vivendo que tornam mais difícil os meninos assumirem que gostam?" (pergunta feita por uma professora); e "As meninas, por serem mais sensíveis, emocionais que os meninos, elas sentem mais do que eles quando 'ficam' e depois não tem continuidade?" (pergunta feita por uma professora).

Destas perguntas chamo a atenção para dois aspectos. Conforme já foi apontado em outras pesquisas (Castro, Abramovay e Silva, 2004; Heilborn et al., 2006), o primeiro é o que mostra a necessidade de informação, de esclarecimento

e, principalmente, de discussão reflexiva de alunos e professores sobre os sentimentos, as práticas, as expectativas e os conhecimentos afetivo-sexuais. Como assinala Heilborn et al. (op. cit.):

“(...) a necessária difusão de informação e esclarecimento não pode prescindir do envolvimento dos próprios segmentos-alvo e do reconhecimento de que, se se trata de estimular a ‘consciência’ em relação a determinados comportamentos íntimos, mais se deveria tratar de estimular a sua ‘reflexividade’ geral, entranhada num processo de cidadanização global e coerente” (p.25).

De acordo com Heilborn et al., as estratégias das políticas públicas que visam a prevenir práticas afetivo-sexuais consideradas como inconvenientes, tais como a gravidez precoce e a falta de preservativo nas relações sexuais, têm se centrado na responsabilização individual por esses comportamentos (ibidem). Feito desse modo, faz-se crer que as decisões dos indivíduos independem das condições sociais, culturais e econômicas sob as quais suas subjetividades são construídas e nas quais eles vivem. Contrariamente a essa idéia, pode-se tomar como exemplo a atitude de uma jovem que decide ter uma relação sexual sem exigir do parceiro o uso de preservativo. Tal decisão é concernente ao modelo hierárquico e assimétrico das relações de gênero ainda presente na sociedade brasileira, o qual contribui para que a mulher se sinta mais vulnerável e insegura no momento da negociação com o parceiro sobre o uso do preservativo (Castro, Abramovay e Silva, 2004: 173). Ao exigir do parceiro o uso da camisinha, muitas vezes, a mulher teme ser vista por ele como promíscua ou, no caso de uma relação estável, colocar em dúvida o sentimento de confiança mútua. Partindo deste exemplo, podemos supor que uma intervenção focada exclusivamente nas práticas de contracepção e de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, e uma informação isolada acerca desses temas possivelmente será inócua se, paralelamente, não promover uma reflexão e discussão mais ampla. Esta deve abarcar, entre outras questões, a vida afetivo-sexual de homens e mulheres na atualidade, a história da diferença entre os sexos e os valores dominantes em nossa sociedade, os quais contribuem para o engendramento dos relacionamentos amorosos.

A promoção da reflexividade de que também tratam os autores já citados poderia contribuir para colocar em cheque o segundo aspecto para o qual atento que é o da naturalização e o da “biologização” do tema das relações afetivo-sexuais, prática comum nesse público. A concepção naturalista da vida afetivo-sexual expressa uma determinada maneira de pensar a diferença entre os sexos, qual seja, o modelo essencialista da diferença sexual que foi construído a

partir do pensamento moderno iluminista (Neri, 2008: 4-5). Esse modelo define a existência de dois sexos essencialmente diferentes em função da natureza e da anatomia, delinea o feminino como um ser frágil, dependente e sensível, e instaura “uma nova hierarquia entre os sexos a partir de uma dicotomia entre masculino (atividade, razão, espaço público) e feminino (passividade, sensibilidade, maternidade)” (ibidem). Condizente com esse modelo, o amor é visto como algo inato, a-histórico, que se manifesta e se desenvolve naturalmente. A sexualidade é calcada “(...) na natureza dos processos de amadurecimento hormonal associados ao desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários” (Calazans, 2005: 215). E as diferenças de gêneros são explicadas através do recurso às diferenças biológicas (Goldenberg, 2006: 39).

Confrontar essas noções implica, por exemplo, questionar o que um aluno e uma aluna disseram, respectivamente: “Ah... Não se faz palestra disso [sobre namoro]. Não faz sentido falar disso”, e “A gente não tem pergunta [para fazer]. A gente tá vivendo isso tudo, não tem pergunta para fazer”. Para que o questionamento, as informações e os esclarecimentos, a troca de idéias e de experiências, a expressão de diferentes sentimentos sejam feitos, para que o estranhamento do que já lhe é familiar aconteça, enfim, para que uma reflexão crítica seja promovida e a possibilidade de mudança vislumbrada, é preciso criar espaços de fala. Esses espaços devem possibilitar aos participantes serem tocados por outras crenças, vivências e conhecimentos, e terem condições de dar novos sentidos às suas experiências e a seus sentimentos. No entanto, não basta criar estes espaços. Como pôde ser visto na realização deste trabalho, muitas vezes os espaços são constituídos, porém seus participantes não sabem como utilizá-lo porque não conseguem se exprimir ou escutar os outros ou pensar de modo reflexivo. Nesse sentido, essa deve ser uma prática constante para que alunos e professores aprendam a se expressar, a questionar, a refletir criticamente, a escutar, a dialogar, a conviver de forma respeitosa.

Tendo assinalado essa questão que atravessou a realização do trabalho, vejamos o que os participantes disseram sobre as práticas afetivo-sexuais, a partir da palestra sobre o “ficar”, ficar “ficando” e namorar. De início sobressai dos seus discursos a constância da prática do “ficar”: “Quando você sai para a *night* você quer ‘ficar’. Todo mundo quer ‘ficar’” (participante do sexo feminino); “‘Ficar’ está na moda” (participante do sexo feminino); “Os alunos aqui preferem mais é ‘ficar’” (comentário de uma professora feito a mim após o debate). Mais importante do que procurar saber qual é a prática afetivo-sexual mais comum entre os jovens — questão que em si não considero possível de ser respondida já que os jovens costumam alternar as suas práticas — é perceber que o “ficar” é uma forma relacional que tem

princípios estáveis que lhe são próprios, e pensar sobre as conseqüências desta forma para o indivíduo e a sociedade. De acordo com Chaves (2001), estes princípios são a falta de compromisso com o outro; a ruptura entre prazer e compromisso, ou seja, o distanciamento entre prazer e norma/lei; a busca de prazer imediato, e sem que haja qualquer tipo de obrigatoriedade ou responsabilidade com o outro; a negação da alteridade; e a comutatividade do objeto.

Por seus princípios, o “ficar” vai ao encontro da desestabilização das relações afetivo-sexuais, favorecendo-a. No Brasil, as regras que regulamentavam essas relações passaram a ser flexibilizadas e a perder a clareza e a rigidez a começar de, aproximadamente, meados da década de 1960. O afrouxamento de regras e normas referentes à vida afetivo-sexual resultou de uma série de mudanças de ordem político-social e cultural propiciada, dentre outros fatores, pelos movimentos estudantil, negro, homossexual e feminista. Entre suas diversas reivindicações, estes movimentos defendiam a construção de uma sociedade autogovernáveis, a igualdade de direitos, o prazer e a liberdade individual (Chaves, 2004: 120-122). A partir da flexibilização daquelas regras, as práticas afetivo-sexuais passaram a ser experimentadas mais facilmente como tendo um fim em si mesmo. Assim, por exemplo, no “ficar” o indivíduo pode satisfazer um prazer ou uma necessidade imediata sem se preocupar com o prazer e a necessidade do outro, sem assumir qualquer tipo de compromisso que não o consigo mesmo, sem ter de olhar para o momento seguinte ao presente. Porém, ao mesmo tempo em que a desestabilização das relações traz mais liberdade ao indivíduo para escolher o que mais o apraz em contextos específicos, ela também provoca sentimentos de insegurança e incerteza, logo de maior vulnerabilidade nos relacionamentos. Além disso, a insegurança e a incerteza suscitam a expressão da ambivalência de se desejar a um só tempo a aproximação e o estreitamento do laço afetivo e o afastamento e a frouxidão do mesmo.

Se os princípios do “ficar com” são estáveis, diversos são os usos feitos dele. Alguns participantes expressaram parte dessa diversidade: “‘Ficar’ é isso, levanta o ego” (participante do sexo masculino); “‘Ficar’ é isso, levanta o astral” (participante do sexo masculino); “Se você está em uma festa e tem um gato você vai ‘ficar com’ ele” (participante do sexo feminino); “Se você está em uma festa e está todo mundo ‘ficando’, e só tem você e teu amigo, vocês acabam ‘ficando’” (participante do sexo feminino). Assim o “ficar” pode ser usado para o indivíduo tentar melhorar a sua auto-estima; aproximar-se de uma pessoa considerada atraente, e com isso, também mostrar para os amigos que ele é desejado por alguém belo; e sentir-se pertencente ao grupo. Mas os participantes apontaram também para algumas conseqüências da prática do “ficar”:

“‘Ficar’ é bom para levantar o astral. Mas depois a gente se sente igual à antes” (participante do sexo feminino); “Eu sumo mesmo. É mais fácil” [menino conta que quando não quer mais “ficar” com alguém em uma festa ou não quer mais sair com uma menina com quem ele tem saído e “ficado”, ele some, isto é, na festa, afasta-se da pessoa dizendo, por exemplo, que vai ao banheiro e já volta – e não volta –, e, em outras situações, deixa de procurá-la e de responder aos seus telefonemas e mensagens sem antes ter dado a ela qualquer justificativa ou sinal de que faria isso – sumir]; “Ah... Sumir é mais fácil” (participante do sexo feminino); “Uma amiga me contou que a sua filha costuma ir para festas e ‘ficar com’ a, b, c, d. Na outra semana ela vai para outra festa e ‘fica com’ x, y, z. E assim vai o alfabeto todo. Um dia ela simpatizou mais com um destes elementos do alfabeto, trocou mensagens e começou a combinar com ele de se encontrar em determinadas festas e ‘ficarem’. A mãe da menina me contou isso achando natural. E quando ela fala com a filha e pergunta se ela está namorando, a filha responde que não, que não está namorando. Que cansou daquela história de ‘ficar com’ a, b, c, e que agora ‘fica com’ este menino. Você encontrou isso no teu trabalho? Essa história de cansar?” (comentário e pergunta da professora de Português).

Estes depoimentos apontam para a precariedade e a superficialidade de muitos dos relacionamentos vividos pelos jovens – e não somente por eles, mas também por vários outros não necessariamente jovens. Isso não significa que as relações amorosas juvenis sejam obrigatoriamente precárias e superficiais, mas sim que elas se tornaram mais instáveis e, muitas vezes, esvaziadas de envolvimento amoroso mais profundo com o outro. Isso é sinalizado na resposta que um colega dá ao jovem que pergunta: “Se a pessoa ‘fica’ e depois se sente vazia, por que ela não busca um envolvimento?”. Seu colega responde: “Porque é mais fácil, mais imediato. É um prazer físico que dá menos trabalho do que o envolvimento”. Assim, se de imediato o “ficar” pode ajudar o indivíduo a diminuir o seu mal-estar, “levantar o seu astral”, ele não resolve o seu vazio interior nem dá conta das suas tristezas. Ao mesmo tempo em que o “ficar” possibilita a aproximação de um outro permite também o seu afastamento sem o menor pudor. Se por um lado através da prática do “ficar” é possível se viver em uma constante busca de novidade e de novas sensações, a princípio, sem restrições ou coações, por outro, devido a sua repetição e facilidade de acontecer, ela provoca um contentamento tênue, um esmaecimento da felicidade. Em grande parte das vezes, esse esmaecimento será combatido com a procura por novas e mais intensas ou inusitadas experiências.

Nos debates, os jovens levantaram temas que apontam para alguns embaraços gerados pelas formas relacionais atuais, com os quais eles procuram pragmaticamente aprender a lidar. A instabilidade e a efemeridade das relações são dois exemplos. Uma menina afirmou que os relacionamentos são mais instáveis hoje. Do mesmo modo um menino falou: “Mas os relacionamentos hoje são assim. Mais instável, individual...”. Um rapaz disse: “Agora é ‘ficar’, ficar ‘ficando’, namorar e ir saindo... E é isso! Tem mais é que aproveitar, vai se prender a uma pessoa por quê?”. Uma outra menina falou: “É complicada esta história de ‘ficar’ porque você ‘fica com’ uma pessoa e depois gosta dela, quer continuar e a pessoa não quer... É ruim”. Um menino disse: “Às vezes eu namoro uma menina e ela quer ficar o tempo todo junto, ou então chega fim de semana e a menina não quer sair. Isso é ruim”. A resposta que algumas meninas deram para ele é que “nessa hora o cara tem que saber lidar. De repente fica em casa, pega um vídeo, compra uma pizza. É preciso saber chegar a um acordo”. Em um contexto social de instabilidade, de flexibilização e individualização de regras e normas que regulamentam a vida afetivo-sexual (Chaves, 2004), é preciso saber chegar a um acordo, o que implica aprender a negociar. Negociar com o outro, a fim de viabilizar o encontro com ele, a estrutura e a continuidade da relação, o ajustamento entre as partes envolvidas e as trocas que se façam necessárias. E negociar com si mesmo, no sentido de encontrar maneiras para satisfazer os próprios desejos, de responder às próprias e diversas expectativas e necessidades. Para que essas negociações sejam possíveis, é necessário que o indivíduo se abra ao outro, reconheça e respeite as suas diferenças, e tenha algum conhecimento e domínio de si, de seu desejo.

A maior instabilidade de muitas das relações amorosas atuais decorre em grande parte do valor que se dá à manutenção da liberdade individual entendida como o direito de se viver como bem quiser, sem restrições ou limitações externas, e ter opções e ser livre para escolher. Ao priorizarem à liberdade, nesse sentido, muitos jovens preferem “ficar” a namorar, como disse essa jovem: “É melhor ‘ficar’ porque assim se tem liberdade”. Para muitos jovens participantes dos debates esta liberdade no relacionamento significa não ter compromisso com o outro, não ter de dar a ele satisfação ou explicação do que quer que seja. É o que diz essa participante: “Eu prefiro ‘ficar’ porque namorar é chato, porque tem compromisso, você não tem liberdade, tem que ficar dando satisfação de onde vai, com quem vai. Eu tive um namorado que era assim. Eu não podia isso, não podia aquilo, tinha que dar satisfação. Para isso já bastam meus pais”. As possibilidades de ter opções, de vivenciar situações e histórias amorosas diferentes, de experimentar e avaliar o grau de satisfação individual,

de se afastar do outro a qualquer momento que assim o desejo são bastante valorizadas por muitos jovens, como mostram as falas dessas meninas: “Agora tem a fase do experimentar. Você ‘fica’, experimenta, e aí se gostar, namora. E se você começa a namorar e depois não gosta? Como faz?”; “Tem também que você ‘fica com’ a pessoa e você conhece ela, e vai ‘ficando’ e vai aprendendo a gostar, vai gostando, e aí namora”. Assim como dizem, por exemplo, essas meninas, o “ficar” pode também ser percebido e vivido como uma etapa de um possível relacionamento em construção. Em uma sequência crescente no que diz respeito ao compromisso e ao envolvimento amoroso com o outro, e à estabilidade da relação, os indivíduos “ficam”, vão “ficando” e namoram.

Ainda que o relacionamento seja considerado estável, a busca por liberdade não é necessariamente deixada de lado como mostram os depoimentos dessas jovens: “Às vezes uma menina namora um cara, mas ‘fica com’ outros, não que ela não goste do namorado, mas ela tem vontade de ‘ficar com’ outros” (participante do sexo feminino); “Você pode namorar um cara, amar ele, de verdade, e mesmo assim querer conhecer outros caras” (participante do sexo feminino). Diferentemente dessas jovens, uma outra disse: “Se uma pessoa realmente ama a outra, ela não vai trair. A fidelidade é característica do amor”. Além da expressão do desejo de poder viver como bem quiser e ter opções, aqui são colocadas em questão a noção de amor de cada um e as expectativas que se têm frente às diversas formas relacionais. Dessa extensa discussão, tendo em vista os limites desse trabalho, resalto somente um aspecto que é o segundo eixo de análise do material da pesquisa: a (in)fidelidade e a (des)confiança.

No discurso de vários participantes, fidelidade e confiança estão necessariamente relacionadas e formam uma esperada equação que se traduz em: relacionamento sério = ser fiel com o outro + confiança mútua. Dentro desta equação, a traição quando ocorre é percebida como uma ameaça à confiança que se tem no outro. Confiança de que se é exclusivo na vida afetivo-sexual do outro e na palavra deste. Em grande parte das vezes, com a infidelidade surge um ambiente de insegurança e o medo de ser traído novamente. Ser traído significa então colocar em dúvida a sinceridade e a credibilidade esperada e depositada no parceiro. É dar margem ao surgimento real ou fantasioso de mentiras e omissões. O contrário do “relacionamento sério” é não querer se envolver profundamente, não querer compromisso estável com o outro, querer somente usufruir o momento e satisfazer seus prazeres mais imediatos. É o que aparece nas falas dessas jovens: “Entre muitos meninos há um que salva, que é sério, fiel”; “Esses meninos [apontando para os meninos que estão na sala] são moleques, aí não querem nada sério, só querem saber de zoar”. Apesar dessas

falas marcarem a diferença de gênero, os depoimentos das jovens citados mais acima mostram que a infidelidade não é restrita ao sexo masculino e que a esperada equação já referida não é facilmente satisfeita.

De acordo com Castro, Abramovay e Silva (2004), em uma pesquisa com alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, pais e professores sobre as relações existentes entre sexualidade e juventudes na escola, verificou-se que no imaginário dos jovens a associação entre amor e fidelidade é clara, e que para, em média, 80% deles o amor não pode existir sem fidelidade. No entanto, contrariando o valor dado à fidelidade, para 40% destes jovens “o amor proibido é sempre mais gostoso” (p.101). Em uma outra pesquisa sobre os comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens entre 18 e 24 anos de idade (Heilborn et al., 2006), no exame sobre os valores relativos à sexualidade, a norma de fidelidade ao parceiro afetivo ou conjugal foi aprovada por 80% dos homens e 90% das mulheres. Porém, a pesquisa mostra que essa norma de fidelidade é flexibilizada pela “ampliação da experiência afetivo-sexual, seja pela variabilidade de parceiros sexuais ou pelo maior tempo transcorrido de vida sexual” (p.214). Assim, quanto maior o número de parceiros(as) sexuais com quem já se teve uma relação e/ou o tempo de vida sexualmente ativa mais a infidelidade é tolerada, ou seja, a possibilidade de se ter relações sexuais com outra pessoa durante um relacionamento afetivo é aceita por ambos os sexos.

Ainda, segundo outra pesquisa realizada com jovens de 18 a 25 anos de idade sobre a estruturação dos relacionamentos amorosos na pós-modernidade (Chaves, 2004), apesar de a fidelidade ser percebida por muitos como um componente característico do amor, a infidelidade como um fantasma que os persegue assombra a todos e se faz presente no discurso e/ou na prática da grande maioria. Tendo em vista a análise de estudos como estes, vemos que embora a fidelidade ao parceiro seja entendida pela maioria das mulheres e dos homens como uma regra necessária ao relacionamento amoroso considerado estável e “sério”, a persistente prática da infidelidade assinala a discrepância entre a norma e a conduta. Além disso, a frequência com que essa prática se dá permite questionar a pertinência da regra da monogamia ainda dominante no imaginário social brasileiro. É isso o que coloca, por exemplo, este jovem participante do debate: “Se as pessoas ‘ficam com’ outras quando namoram, talvez as relações não deveriam ser monogâmicas... Porque não há fidelidade e as pessoas traem, e fica uma hipocrisia. Talvez [o relacionamento] devesse ser aberto para um e também abrir para o outro”.

O relacionamento aberto (relacionamento no qual a regra da monogamia não é exigida) não é uma forma relacional nova e já foi, e ainda é, vivenciada

por vários homens e mulheres. Contudo, no que diz respeito ao discurso mais freqüente e às expectativas amorosas de muitos, como têm mostrado inúmeras pesquisas, a monogamia, a exclusividade e a fidelidade denotam comportamentos esperados. Do conflito entre o discurso (da fidelidade, da monogamia) e a prática (da infidelidade), o ferimento recai sobre o sentimento de confiança mútua. De acordo com Giddens (1993), a confiança juntamente com o compromisso e a intimidade são os requisitos necessários para o que o autor chama de “relacionamento puro”, o qual é característico da atualidade e faz “parte de uma reestruturação genérica da intimidade” nas sociedades contemporâneas (p.69). Para o autor, o relacionamento puro é “um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa (...) que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada um individualmente, para nela permanecerem” (pp.68-69). Isso significa que em qualquer momento, qualquer um dos parceiros pode se afastar do outro se avaliar que este já não satisfaz mais as suas expectativas e desejos atuais. Ainda segundo o mesmo autor, “no relacionamento puro, a confiança não tem apoios externos e tem de ser desenvolvida tendo-se como base a intimidade”, e a crença na capacidade do outro poder agir com integridade (p.153). Desse modo, pressupõe-se que para a confiança florescer é preciso um tempo ao longo do qual os parceiros se afirmarão confiáveis através de suas palavras e atitudes. Entretanto, se olharmos para os discursos dos jovens participantes dos debates, a crença na integridade do outro talvez se faça mais difícil quando este recorre à estratégia do sumir para terminar uma relação amorosa ou para se afastar de uma pessoa com quem ele está “ficando” sem ter de dizer a ela uma palavra sequer, logo, sem se comprometer com as conseqüências da sua ação. Essa crença talvez também se torne frágil diante de outras práticas de alguns jovens tal como a deste que diz: “Ah... Você finge que confia na sua namorada, ela finge que confia em você”.

Conforme afirma Giddens (op. cit.), no relacionamento puro, se para a confiança ser desenvolvida é preciso, entre outros fatores, que os parceiros correspondam à crença na integridade um do outro, a partir dos discursos dos participantes dos debates se vê que aquele sentimento necessário ao relacionamento amoroso muitas vezes acaba por se esvaír e no seu lugar crescer o seu oposto, a desconfiança. Sentimento este que aparece no discurso de vários participantes tais como nos dessas jovens: “Tem muita desconfiança. Todo mundo fica achando que vai ser traído”; “Tem muita desconfiança”. A desconfiança surge também no comentário indignado de outra jovem: “Acontece de duas pessoas estarem namorando e uma delas trair a outra sem dizer nada

para ela, mentir para ela! Por que ela não fala a verdade?!". E, ainda, decorrente de especulações alheias: "Aqui [em sua cidade], como é uma cidade pequena, todo mundo se conhece e tem muito disse me disse. Isso é muito chato. Tem muita falação só por maldade, a troco de nada. Às vezes a menina está lá tranqüila e vem alguém dizer que viu o namorado dela não sei onde, fazendo não sei o quê. Aí começa a aparecer o ciúme, a menina começa a ficar atrás do cara, desconfiada de tudo".

A desconfiança em relação ao/à parceiro/a algumas vezes faz com que o/a jovem aja da forma como ele/a acredita que o outro agiu, ou seja, sendo infiel. É o que diz este jovem: "Se eu vou para uma festa e eu acho que ela [a namorada] está 'ficando com' outro, eu vou pegar ['ficar com'] todas". E também esta jovem: "Se ele [o namorado] vai a uma festa e eu em outra, eu acabo 'ficando'. Vai que ele está 'ficando com' outra lá...". O que se depreende das falas desses jovens é que a infidelidade é a moeda de troca entre muitos casais. Essa espécie de negociação silenciosa é feita não somente em caso de desconfiança, mas também quando se tem a certeza de que isso aconteceu, como dizem essas jovens: "A mulher dá o troco, se o cara trai, ela também vai trair; ela não vai ficar de boba"; "A mulher não ficaria sendo chamada por todo mundo de traída, coitada, que ela também trairia, faria a mesma coisa"; "A mulher faria justiça". Segundo esses jovens, no caso da quebra da regra de fidelidade, a antiga lei de talião é que deve vigorar, isso significa que, para o bem ou para o mal, o indivíduo deve fazer ao outro aquilo que este lhe fez. Preocupados em "dar o troco na mesma moeda", "fazer justiça", esses jovens parecem não dimensionar o quanto a sua ação contribui para fortalecer os sentimentos de desconfiança e insegurança que surgem nessa dinâmica amorosa, e dos quais eles se ressentem.

Na passagem do segundo para o terceiro eixo de análise deste trabalho, percebe-se que os temas da(in)fidelidade e (des)confiança são atravessados por questões de gênero. De acordo com a pesquisa de Heilborn et al. (2006), no que diz respeito à prática da infidelidade, ainda que se note "o enfraquecimento da aceitação da infidelidade masculina exclusiva", isto é, da idéia de que somente os homens podem fazer sexo com outras pessoas quando se está em uma relação afetiva (p.215), ela é uma prática marcadamente masculina (p.299). Já para Goldenberg (2006), em sua pesquisa pôde ser observado que a distância numérica entre os jovens, homens e mulheres, que traem não é tão grande. Dentre os entrevistados, 60% dos homens e 47% das mulheres afirmaram já terem sido infiéis (p.38). Por outro lado, segundo a autora, diferentemente da prática, os discursos de homens e mulheres sobre este tema são significativamente diferentes, por exemplo, no que concerne à justificativa dada para a traição:

"Os homens se justificam por terem uma "natureza", uma "essência" propensa à infidelidade. Já as mulheres responsabilizam os maridos ou namorados por elas serem infiéis (ou porque estão se vingando de uma traição que sofreram, ou porque eles não satisfazem seus desejos de serem amadas ou desejadas, ou porque eles -- e suas inúmeras faltas -- praticamente as empurraram a procurar outros homens)" (Goldenberg, 2006: 37-38).

De acordo com a pesquisa da autora, a justificativa apresentada pelos homens se relaciona à naturalização que é feita das dessemelhanças de gênero, que, como foi dito anteriormente, acabam muitas vezes se ancorando em diferenças biológicas, seguindo o modelo essencialista da diferença sexual. Assim, a idéia de o homem ser por "essência" mais infiel do que a mulher se torna parte do imaginário social e é usada para legitimar a traição masculina. No caso das mulheres, as razões dadas por elas para as suas práticas culpabilizam os homens e retiram delas a responsabilidade pelos seus desejos (op. cit.: 38). No que tange aos discursos dos jovens participantes dos debates, as falas das meninas apontam para ambos os lados. Para elas, a traição é justificada tanto como resposta aos comportamentos do parceiro quanto pela busca de satisfação de um desejo próprio. Se, como mostram os depoimentos das jovens acima, a traição da mulher pode ocorrer em função de um sentimento de vingança – o que também pode acontecer com o homem, conforme exemplifica o discurso do jovem já referido – e, com ela, a noção de que assim se estaria fazendo justiça, levando em consideração outras falas dos participantes do debate, muitas jovens traem porque manifestamente assim o desejam. Por exemplo, como já citado, uma jovem disse: "Você pode namorar um cara, amar ele, de verdade, e mesmo assim querer conhecer outros caras". A fala dessa jovem expressa a um só tempo um amor que exclui da sua semântica os requisitos da fidelidade e exclusividade; uma expectativa de poder viver como bem quiser, sem ter de fazer renúncias ou adiar a satisfação dos seus desejos; e uma perspectiva de assunção das suas escolhas.

Para Goldenberg, "os comportamentos sexuais podem ter mudado, tendendo a uma maior igualdade, mas o discurso sobre o sexo ainda resiste às mudanças" (ibidem). Aqui também os dados da presente pesquisa diferem um pouco daqueles de Goldenberg. A partir das falas dos participantes dos debates, pode-se afirmar que a desigualdade entre os gêneros no que se refere à vida afetivo-sexual ainda persiste na prática e no discurso.¹ No entanto, é preciso enfatizar que muitas das diferenças estão em processo de transformação. Por exemplo, como explicitam os participantes abaixo, homens e mulheres, muitos dos comportamentos das meninas têm se assemelhado aos dos meninos:

“A mulher hoje faz como o homem” (participante do sexo masculino); “Hoje as meninas também pegam [‘ficam com’] todos, fazem como os meninos” (participante do sexo masculino); “Tem menina que ‘fica’ muito mesmo, que anota no papel” (participante do sexo feminino); “As meninas daqui são mais atiradas do que os meninos” (comentário de uma professora); “Uma conhecida minha foi numa festa e ‘ficou com’ cinquenta e quatro meninos! Até com primo ela ‘ficou’” (participante do sexo feminino); “As meninas ‘ficam’ assim como os meninos” (comentário de um professor).

Os discursos destes participantes, semelhantes aos de muitos outros, mostram como a outrora característica posição passiva da mulher que, dentre outras coisas, esperava a aproximação e a paquera do homem e restringia as suas formas de satisfação, vem sendo deixada de lado por muitas. Assim, reivindicando maior igualdade entre homens e mulheres, várias dentre as mulheres passaram a ter atitudes tais como a de abordar o homem, explicitar o seu interesse, iniciar uma “ficada”, “ficar com” diferentes pessoas em um mesmo dia, trair. Atitudes como essas têm contribuído para as transformações do campo amoroso da atualidade. Mas, se por um lado, agindo e se expondo desse modo, elas forçam mudanças que acabam por aproximar as práticas e os discursos afetivo-sexuais dos diferentes gêneros, por outro, contribuem para a manutenção de um quadro que muitas delas criticam. Como disse uma jovem: “Ah... A gente está falando dos meninos [que poucos querem um relacionamento sério], mas as meninas hoje fazem a mesma coisa. Acho que elas se nivelaram por baixo, que também não querem nada, querem zoar. Daí é muito fácil para os meninos” (participante do sexo feminino).

A crítica dessa jovem diz respeito a escolha de muitos homens e mulheres por uma forma de relacionamento caracterizada pela fluidez, fragilidade e transitoriedade, a qual tem como objetivo principal a satisfação de um prazer momentâneo, e o distanciamento de um vínculo que implique em engajamento, esforço, dependência do outro e restrição da liberdade individual. O discurso da jovem, assim como o de muitos outros, aponta para a falta de compromisso com o outro, a dificuldade de se confiar nele e de ter segurança na relação, e o desrespeito. É deste sentimento que fala uma outra participante do debate ao comentar como se sentiria ao “ficar com” uma pessoa e esta virar as costas e ir embora sem falar com ela: “Eu me sentiria mal, magoada, um lixo, usada”. Tomando emprestadas as palavras de Bauman (2004) para compreender essa fala, percebemos que o sentimento da jovem “(...) evoca o desejo do próximo de ter reconhecida, admitida e confirmada a sua dignidade de portar um valor

singular, insubstituível e não descartável” (p.101).

O que coloco em questão com essa discussão e busquei promover nos debates não é a definição da melhor ou da pior forma de homens e mulheres agirem. Isso cabe a cada um, primeiro individualmente e depois com seu parceiro, com autonomia e discernimento, decidir. Importante me parece ser a possibilidade de homens e mulheres pensarem criticamente sobre os seus conceitos, desejos, expectativas e práticas. Sobre a sua participação no modo como se dá a sua relação e como se configura o campo amoroso da atualidade. Se, como veremos a seguir, a desigualdade entre os gêneros ainda persiste no discurso e na prática, determinados modelos de gênero aprisionam mulheres e, também, homens, e limitam as suas esferas de ação e formas de satisfação, é somente através da consciência e da reflexão crítica sobre seus papéis na construção e na manutenção destes modelos e das formas relacionais vigentes que qualquer transformação que leve em conta o respeito à singularidade de cada um pode vir a se dar.

Um panorama dos modelos de gênero é mostrado na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, na apresentação das representações de gênero feita por Calazans (2005). Segundo a pesquisa, entre os jovens, alguns dos aspectos mais valorizados em “ser homem” são a liberdade – “especialmente em relação à circulação, aos horários, à sexualidade e ao namoro” – e a menor vivência de preconceito, “particularmente da maior liberdade moral dos rapazes comparativamente com o maior controle social experimentado pelas moças” (p.225). Quanto aos aspectos mais valorizados em “ser mulher”, um deles é a personalidade – “foram valorizadas aqui características pessoais das mulheres consoantes com estereótipos femininos como serem menos impulsivas, mais delicadas, tranquilas, sensíveis, intuitivas, corajosas etc” (ibidem). Alguns destes estereótipos aparecem na pesquisa de Goldenberg (2006) quando “as pesquisadas afirmaram que ‘todo homem é’, em essência, machista, galinha, infiel, racional e egoísta” e “os pesquisados dizem que ‘toda mulher é’ sensível, maternal, invejosa, mentirosa, romântica e interesseira” (p.35). Estereótipos semelhantes a esses são percebidos também nas falas de vários participantes dos debates, tais como:

“Por que os meninos não dizem que gostam, não assumem?” (participante do sexo feminino); “Por que os homossexuais masculinos são mais afetuosos, mostram mais os sentimentos?” (participante do sexo feminino); “Ah... Menino não se apaixona. Quando eu saio, eu quero mais é ‘ficar com’ uma, ‘ficar com’ outra. Se um menino termina uma relação com uma menina que ele ainda gosta, ele vai sair e querer pegar todas! Por que é assim? [ele me pergunta]”

(participante do sexo masculino); “O homem não tem sentimento. Imagina se ele vai chorar!” (participante do sexo masculino); “O meu namorado já chorou na minha frente... E isso não tem problema” (participante do sexo feminino) [diz isso em seguida ao que este último jovem falou].

Os aspectos mais valorizados em “ser homem”, mostrados na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, emergem dos discursos dos participantes do debate. Mais especificamente, são as jovens que apontam para as discriminações e recriminações relacionadas às suas práticas afetivo-sexuais, especialmente, ao “ficar”:

“É mais fácil para os meninos ‘ficarem com’ várias. Se as meninas fazem isso elas são mal vistas” (participante do sexo feminino); “Por que quando uma menina vai a uma farmácia comprar preservativo o vendedor olha para ela com cara estranha?” (participante do sexo feminino); “Quando eu quero ‘ficar’ eu vou para outros bairros, próximos [para não correr o risco de falarem mal dela]” (participante do sexo feminino); “As meninas que ‘ficam’ ficam muito mal vistas. Mas para os meninos é bacana” (participante do sexo feminino); “‘Ficar com’ muitas para os meninos é bom, mas para as meninas é ruim, ela fica logo falada. Principalmente em uma cidade pequena como X onde todo mundo se conhece. Você faz uma coisa de manhã, à tarde todo mundo já está sabendo” (participante do sexo feminino); “Para o menino é bem visto ‘ficar com’ muitas, para a menina não” (participante do sexo feminino).

Os discursos dessas jovens explicitam o seu descontentamento com os valores diferentes que muitos atribuem ao “ficar” quando se trata do homem – é positivo – e quando se refere à mulher – é negativo. Embora explicitem o mal-estar com a desigualdade de gênero na esfera afetivo-sexual, dentre as meninas, muitas delas contribuem para reforçar essa diferença, por exemplo, quando recriminam às jovens que “ficam” muito e que “estão muito fáceis”. Na maioria das vezes, sem terem consciência da contradição de seus discursos, ao mesmo tempo em que as meninas fortalecem os estereótipos, elas também manifestam a ansia por maior igualdade. Essa manifestação algumas vezes é ambígua, deixando espaço para uma mudança que pode vir tanto por parte das mulheres quanto dos homens. É o que se pode entender da fala desta jovem: “Os meninos deviam fazer diferente, pois por que eles podem e elas não podem [‘ficar com’ várias pessoas]?”. Assim, a mudança pode vir do jovem que deveria “ficar” menos ou da jovem que deveria poder “ficar” tanto quanto ele sem ser “mal vista” pelos demais.

Conforme dito acima, um dos possíveis empecilhos para esta e outras mudanças são os modelos de gênero reproduzidos por homens e mulheres, os quais aprisionam muitos deles. Assim, por exemplo, “o discurso sobre a virilidade, marca da ‘atividade’, é um dispositivo de controle sobre o que é ser homem na cultura brasileira”; este discurso norteia o comportamento masculino e delimita atitudes (Castro, Abramovay e Silva, 2004: 73). Então, para corresponder ao protótipo masculino, é preciso iniciar a vida sexual cedo, manter uma atividade sexual freqüente e intensa e considerar “natural” fazer sexo (ibidem). Desse modo, em parte, pode-se considerar a valorização da quantidade – com quantas pessoas se “fica”, quantas são “pegas” – pelos meninos uma característica deste discurso da virilidade. No que diz respeito à quantidade de pessoas com quem se “fica”, entre os participantes do debate, alguns se referiram a ela:

“Eu não vejo problema nisso, em ‘ficar com’ muitas” (participante do sexo masculino); “Entre os meninos que ficam contando com quantas ‘ficaram’ e dizendo o que fizeram, quem ‘ficou’ mais tem um status maior no grupo?” (participante do sexo masculino); “Tem uma brincadeira, um jogo, principalmente entre os meninos, de apostarem antes de sair em quem vai ‘ficar com’ mais meninas, quem vai pegar mais” (participante do sexo feminino); e “Tem aluno aqui de 18, 19 anos que toma Viagra porque dizem que dá mais potência, resistência” (comentário da professora de Sociologia e Filosofia feito para mim, após o debate).

A princípio, independentemente dos meios que se usa para conseguir “ficar com” várias mulheres e das conseqüências dos atos praticados, a performance afetivo-sexual masculina tem alto valor entre muitos jovens. Digo que em parte a valorização da quantidade pode estar associada ao discurso da virilidade porque, primeiro, ela não é exclusiva aos homens, embora seja mais freqüente entre eles, e, segundo, porque o valor da quantidade está relacionado também a outras questões, tal como a brincadeira [quem pega mais] realizada com os amigos. Muitas vezes mais prazeroso do que a própria “ficada” é o jogo disputado com eles, é o encontro posterior com os amigos no qual são contadas as “proezas da noite” e reafirmados a aceitação e o pertencimento ao grupo de pares. Ainda, em uma análise mais extensa, pode-se relacionar a valorização da quantidade à ênfase dada ao consumo nas sociedades contemporâneas. De acordo com Bauman (2004), inspirada no estilo de vida consumista dominante, prevalece a tendência “a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente

oferecem e em termos de seu 'valor monetário'" (p.96). Assim, muitas vezes, nas relações afetivo-sexuais, o outro é colocado no lugar de um objeto de consumo e, reproduzindo a lógica do consumo, quanto mais abundantemente se consumir melhor será, pois isso é identificado como marca de sucesso e dá ao consumidor uma sensação de bem-estar e felicidade. Mas, essa lógica tem um preço a ser pago, e, no que se refere ao outro, na contabilidade das "ficadas", percebe-se "uma matemática afetiva que faz do outro instrumento de prazer", meio de acesso à auto-satisfação e à auto-realização (Chaves, 2004: 181).

Para finalizar, embora não finalizando todos os caminhos abertos pela análise do material da pesquisa, mas respeitando os limites do presente trabalho, uma última consideração diz respeito a um outro modelo de gênero expresso nos discursos dos participantes e referido nas pesquisas supracitadas (Chaves, 2004; Calazans, 2005; Goldenberg, 2006). Trata-se de alguns dos atributos associados à mulher: a sensibilidade, o devotamento, a necessidade de amar, a ternura. Em função dessa atribuição, mais do que os homens, as mulheres são vistas como seres "naturalmente" mais sensíveis, indivíduos que esperam ter uma relação de compromisso, estável, na qual se possa construir um envolvimento amoroso profundo com o outro. A partir deste modelo feminino, as relações de mulheres que sejam mais efêmeras, superficiais e centradas na busca de prazer físico têm um espaço menor na constelação amorosa imaginada para elas. Grande parte das vezes, quando as relações acontecem desse modo, são percebidas pela maioria como um desvio, uma fase passageira, ou uma estratégia que tem como finalidade última a conquista do almejado "relacionamento sério". Essas percepções surgem nas falas de alguns dos participantes, tais como:

"Por que é mais difícil para as meninas, depois de 'ficar', conseguir separar, não querer mais nada?" (participante do sexo feminino); "As meninas por serem mais sensíveis, emocionais que os meninos, elas sentem mais do que eles quando 'ficam' e depois não tem continuidade?" (pergunta feita por uma professora) [depoimento citado anteriormente]; "As meninas 'ficam' assim como os meninos, mas pensando no que eu vejo e ouço, elas querem um envolvimento maior do que os meninos" (comentário de um professor); "Ainda hoje as meninas priorizam o envolvimento amoroso?" (pergunta feita por uma professora).

A maior proximidade da mulher com a corrente afetiva, o interesse maior, quando comparado com os homens, em relacionamentos estáveis,

fundamentados na fidelidade, no compromisso e envolvimento amoroso com o outro, e a ênfase na unidade entre sexualidade e amor – característica do amor romântico – são aspectos das relações de gênero que têm sido mostrados em diversas pesquisas (Chaves, 2001; Chaves, 2004; Castro, Abramovay e Silva, 2004; Goldenberg, 2006; Heilborn et al., 2006). A partir da análise dos discursos dos participantes dos debates, verificou-se que os modelos de gênero acima descritos são reafirmados e, em muitos casos, reproduzidos por homens e mulheres. Embora esses modelos ainda sejam predominantes, como se pôde ver ao longo da presente discussão, há jovens que os têm questionado e que têm buscado sentir, perceber e se relacionar de formas diferentes, mesmo que, por ora, isso implique contradições e "nivelamentos por baixo". Ainda que a distância entre o discurso e a prática afetivo-sexual seja significativa, pode-se acreditar que ela tem sido diminuída, ao menos entre alguns. Pelo que foi visto, sobretudo entre aqueles que têm-se proposto a refletir criticamente sobre as formas relacionais que lhe são apresentadas e/ou impostas e a tentar construir outras noções, práticas, expectativas e ideais afetivo-sexuais.

Referências

- BAUMAN, Z. (2004). *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- CALAZANS, G. (2005). Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão. Em H. W. Abramo; P. P. M. Branco (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira* (pp.215-241). São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania.
- CASTRO, M. G.; Abramovay, M.; Silva, L. B. da (2004). *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil.
- CHAVES, J. C. (2001). "Ficar Com" - *Um Novo Código entre Jovens*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan.
- CHAVES, J. C. (2004). *Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, UFRJ. Orientadora: Lucia Rabello de Castro.
- GIDDENS, A. (1993). *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP.
- GOLDBERG, M. (2006). O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na juventude carioca. Em M. I. M. de Almeida; F. Eugenio (Orgs.). *Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto* (pp.25-41). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- HEILBORN, M. L. et al. (2006) (Orgs.). *O Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e Trajetórias Sociais de Jovens Brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.
- LOPES, J. L. (s/d). Um programa da SBPC-RJ: a ciência vai à escola. Disponível em <http://www.sbpccrj.org.br/artigo2.html>. (Último acesso em 01/07/07)

- NERI, R. (2008). A condição feminina. *Jornal do CRP-RJ*, 5 (17), 3-7; março. (Entrevista concedida para a matéria do jornal)
- OLIVEIRA, É. C. S.; MARTINS, S. T. F. (2007). Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), 90-98; jan/abr.
- PROGRAMA SBPC Vai à Escola. Disponível em <http://www.sbpcrj.org.br>. (Último acesso em 01/07/07)
- SARRIERA, J. C. et al. (2007). A relação entre pesquisadores e escolas públicas: um diálogo a partir do tempo livre. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), 85-89; jan/abr.